

UM ESTUDO DO ÍNDICE DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL DA MICRORREGIÃO DE FOZ DO IGUAÇU COM APLICAÇÃO DA METODOLOGIA SHIFT-SHARE PARA 2000 E 2010

Diego Camargo Botassio *
Gilson Batista de Oliveira **

RESUMO

O presente trabalho busca fazer uma análise da variação do Índice de Desenvolvimento Social na Microrregião de Foz do Iguaçu, utilizando a metodologia *shift-share* (estrutural-diferencial) nos indicadores de 2000 e 2010. Para tal, utilizou-se os indicadores básicos de desenvolvimento humano publicados pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Após a aplicação da metodologia se obtêm quais cidades da microrregião obtiveram maiores variações de cada indicador, assim como as que não tiveram resultados tão expressivos. Aqui cabe ressaltar que, para o período, todos municípios apresentaram crescimento em seus índices e indicadores de desenvolvimento (a exceção do coeficiente de Gini).

Palavras-Chave: Microrregião de Foz do Iguaçu; *Shift-share*; Desenvolvimento Humano.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the variation of the Social Development Index in the Micro Region of Foz do Iguassu, using the shift-share analysis (structural-differential) for 2000 and 2010. For this, we used basic indicators of human development published by United Nations Development Program. At the end, which is obtained from the cities had higher variations of each index, as well as those who did not results so expressive. But for the period all municipalities had positive changes in their indexes and indicators of development (except the Gini coefficient).

Key words: Micro Region of Foz do Iguaçu; Shift-share; Human Development.

* Mestrando em Economia Aplicada pela ESALQ/USP. Graduado em Ciências Econômicas – Economia, Integração e Desenvolvimento pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana. E-mail: diego.botassio@usp.br

** Doutor em Desenvolvimento Econômico pela Universidade Federal do Paraná. Professor Adjunto II da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Membro do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Racionalidades, Desenvolvimento e Fronteiras (GIRA/UNILA) e do Grupo de Pesquisa em Gestão Pública e Desenvolvimento (UTFPR). E-mail: gilson.oliveira@unila.edu.br

INTRODUÇÃO

A análise regional tem importante papel quanto há problemas pontuais a serem diagnosticados, tanto para economistas, quanto para os geógrafos e ou demais cientistas sociais. De acordo com Azzoni (2003, p.1), há dois modos de caracterizar a existência “de um 'problema regional': desigualdade e concentração”. Quando se têm tais temas, vem a mente a distribuição de riqueza e renda que é ponto fundante do desenvolvimento econômico. Mais do que isso, se necessita, além de altos recursos e sua distribuição, que a sociedade se veja em boas situações de vida.

O presente trabalho busca fazer uma análise da variação do Índice de Desenvolvimento Social na Microrregião de Foz do Iguaçu (MFI), utilizando a técnica de análise regional *shift-share* (estrutural-diferencial) nos indicadores que compõem o referido índice para os anos de 2000 e 2010.

O município mais antigo da MFI é o mesmo que lhe dá nome. O município de Foz do Iguaçu foi fundado em 1914, originado de uma antiga Colônia Militar existente na região desde 1899 (PIERUCCINI, TSCHÁ, e IWAKE, 2008). Desde sua fundação, a região foi palco de diversos processos de emancipação de municípios e recortes geográficos que, em 1990, levou a criação da microrregião.

1. O ÍNDICE DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL

O conceito de desenvolvimento, em especial desenvolvimento econômico, muitas vezes se confunde com outro conceito econômico, o do crescimento. Crescimento deve ser entendido como aumento real no nível de renda, isto é, incrementos positivos no PIB – Produto Interno Bruto. Estes incrementos podem ser alcançados por meio de um processo de industrialização ou outras políticas. Tal conceito não abarca necessariamente o conceito de desenvolvimento, que é mais amplo. Desenvolvimento econômico entende-se pela melhor distribuição da renda e da riqueza em uma sociedade, ou seja, quanto mais distribuída for a renda e a riqueza mais desenvolvida será a sociedade. (SANDRONI, 1999; OLIVEIRA, 2002 e 2010).

A discussão do conceito de desenvolvimento ganha força no período pós-segunda guerra mundial, contudo, o termo desenvolvimento é utilizado para pregar uma noção de progresso econômico. Porém, o debate acerca do quê é desenvolvimento possui suas diversas vertentes, tanto acadêmicas quanto político-ideológico (discurso político). Um exemplo disso está nas interpretações das escolas de pensamento econômico. Comparando a visão do autor estadunidense Walt Whitman Rostow (1916-2003) e o pensamento latino-americano, criado a partir dos pensadores da Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL), fica evidente as divergências de interpretação. Rostow vê o desenvolvimento como algo a ser alcançado – etapista – enquanto o pensamento cepalino, em especial o de Celso Furtado, encara o desenvolvimento como uma consequência do subdesenvolvimento, com condições impostas do centro a periferia, não percorrendo um caminho em etapas.

A noção de desenvolvimento que se considera neste trabalho abarca não só a renda (termo econômico), mas também a qualidade de vida da população, levando em consideração também sua educação e saúde, caracterizando não somente o desenvolvimento como econômico, mas também humano e social, pois “o que importa, na verdade, mais do que o simples nível de crescimento ou de industrialização, é como os frutos do progresso, da industrialização, do crescimento econômico são distribuídos para a população, de modo a melhorar a vida de todos” (OLIVEIRA, 2002, p.45).

Para a análise de desenvolvimento que se *leva a cabo* nesse artigo utiliza-se os indicadores de concentração de renda, educação e saúde. Os dados brutos utilizados nessa pesquisa são obtidos no Atlas do Desenvolvimento Humano (PNUD, 2003; 2012):

- Coeficiente de Gini: indicador utilizado para medir a distribuição da renda em cada município³³;
- Educação: calculado a partir da Taxa Bruta de Frequência Combinada que utiliza a quantidade de pessoas que frequentam os cursos nos três níveis divididos pela quantidade total de pessoas na faixa etária de 7 a 22 anos (peso 1/3) e taxa de alfabetização (peso 2/3);

33 O Coeficiente de Gini não é o único indicador existente para o cálculo da concentração de renda, porém se optou por utilizá-lo já que é o mais conhecido. O *software* do PNUD também disponibiliza os dados do Índice L de Theil, um outro coeficiente que mede desigualdade, porém com critérios de cálculo distintos e consequentemente se obtêm outros valores.

- Saúde ou Longevidade: traz a expectativa de vida ao nascer (em anos), com peso de 2/3, e a taxa de mortalidade infantil a cada mil nascidos vivos, com peso de 1/3.

Cada um dos indicadores apresenta resultados em uma escala de 0 a 1 (método distancial), sendo 0 (zero) a pior situação para cada indicador e 1 (um) a situação inversa³⁴, salvo o Coeficiente de Gini, que precisa de uma adaptação para inverter a interpretação dos resultados.

Os dados brutos retirados do PNUD (2003; 2012), expostos na tabela 01, permitiram o cálculo do IDS, bem como a aplicação da metodologia *shift-share*.

Tabela 01: Dados brutos da Microrregião de Foz do Iguaçu: 2000 e 2010

Município	Indicador Educação, 2000	Indicador Educação, 2010	Indicador Longevidade, 2000	Indicador Longevidade, 2010	Indicador Concentração de Renda, 2000	Indicador Concentração de Renda, 2010	IDS, 2000	IDS, 2010
Céu Azul	0,89	0,659	0,752	0,812	0,440	0,530	0,694	0,667
Foz do Iguaçu	0,905	0,661	0,721	0,858	0,430	0,470	0,685	0,663
Itaipulândia	0,878	0,608	0,721	0,848	0,440	0,370	0,680	0,609
Matelândia	0,875	0,642	0,721	0,831	0,470	0,540	0,689	0,671
Medianeira	0,904	0,686	0,721	0,849	0,500	0,510	0,708	0,682
Missal	0,898	0,608	0,786	0,828	0,440	0,550	0,708	0,662
Ramilândia	0,781	0,489	0,737	0,802	0,530	0,520	0,683	0,604
Santa Terezinha de Itaipu	0,879	0,689	0,751	0,814	0,460	0,560	0,697	0,688
São Miguel do Iguaçu	0,884	0,588	0,725	0,818	0,350	0,460	0,653	0,622
Serranópolis do Iguaçu	0,902	0,662	0,792	0,859	0,360	0,500	0,685	0,674
Vera Cruz do Oeste	0,844	0,601	0,714	0,811	0,390	0,460	0,649	0,624

Fonte: PNUD; IPEA; FJC, 2003; 2012

O Índice do Desenvolvimento Social (IDS) é sugerido por Prates Rodrigues (1991, p.75) para compensar um erro metodológico proposto no IDH-M, pois a renda *per capita* não é compatível com o conceito de desenvolvimento, no que tange à distribuição de renda. Prates Rodrigues substitui o indicador de renda do IDH-M por um Indicador de Concentração de Renda (IC) obtido por meio do coeficiente de Gini³⁵. Dessa forma, reflete-se “(...) a forma pela qual os

34 Esta metodologia também é denominada de genebrino, onde se utiliza os extremos de máximo e mínimo como referência, sendo 0 extremo inferior e 1 o extremo superior. Os valores intermediários são ponderados conforme este padrão.

35 Algebricamente, $IC = (Gj - 1) / (0 - 1)$, onde IGj reflete o Índice de Gini encontrado para a região.

resultados do desenvolvimento econômico são apropriados em benefício da sociedade como um todo, ou de frações dela”.

A dedução do IDS é feita da seguinte forma:

$$IDS_j = 1/3 (IL_j + IE_j + IC_j) ;$$

sendo que:

- ≧ IDS_j representa o valor do Índice de Desenvolvimento Social obtido na região j;
- ≧ IL_j representa o Indicador de Longevidade observado para a região j;
- ≧ IE_j representa o Indicador de Educação averiguado para a região j e;
- ≧ IC_j representa o Indicador de Concentração de Renda obtido na região j.

2. DEFINIÇÃO DA METODOLOGIA DE ANÁLISE *SHIFT-SHARE*

Conforme Oliveira (2010, p.119), a análise *shift-share* é conhecida como análise dos componentes de variação (ou Estrutural-Diferencial). “Nessa análise busca-se explicar as diferenças de crescimento entre várias localidades a partir da decomposição dos indicadores utilizados”. Trata-se de uma ferramenta de sintetização de dados estatísticos através da análise dos componentes de variação de um dado indicador. Para aplicar a metodologia em situações empíricas deve-se observar três passos:

- i) Deve-se selecionar uma região, que servirá de referência para se averiguar o desempenho das demais localidades (cidades) que a compõem;
- ii) Selecionar uma variável a ser usada como referência;
- iii) Isolar os efeitos da variável para analisar o desempenho da estrutura no desenvolvimento regional.

Algebricamente, como bem demonstra Silva (2002) e Oliveira (2010), o modelo básico pode ser expresso por:

$$\sum \Delta X_{ik} = \sum [X_{ik(t)} - X_{ik(t-1)}] = \sum [NX_{ik} + SX_{ik} + RX_{ik}] \quad (1)$$

Onde as variáveis representam:

- ≠ $X_{ik(t)}$ representa a variável econômica escolhida como referência X, medida na região i, no município k, no período de análise t;
- ≠ ΔX_{ik} representa a variação observada na variável X_{ik} ;
- ≠ NX_{ik} representa a componente nacional (microrregião), nessa averiguação esse componente refere-se ao agregado da Microrregião, isto é, mostra a variação percentual total do índice regional no período analisado;
- ≠ SX_{ik} representa a componente estrutural de cada localidade (cidade/município) da Microrregião, que mede a dimensão da alteração líquida atribuível a variáveis que compõem o índice de referência na cidade membro da região e, simultaneamente, auxilia na identificação de componentes do índice com diferentes taxas médias de crescimento em relação ao nível regional e;
- ≠ RX_{ik} representa a componente regional, no caso, a componente de cada cidade que faz parte da Microrregião, cuja os valores refletem a parcela de contribuição de cada variável na oscilação percentual do índice de referência, isto é, mede a influência exercida por determinados componentes no crescimento do índice.

Para se obter as variáveis definidas anteriormente deve-se proceder da seguinte maneira:

$$NX_{ik} = g_{NX} \cdot X_{ik(t-1)} \quad (2)$$

$$SX_{ik} = (g_{NXK} - g_{NX}) \cdot X_{ik(t-1)} \quad (3)$$

$$RX_{ik} = (g_{ik} - g_{NXK}) \cdot X_{ik(t-1)} \quad (4)$$

Sendo que:

- ≠ g_{NX} reflete a variação percentual da variável X observada a nível nacional (Microrregião), no caso em questão, da Microrregião de Foz do Iguaçu, relativamente ao ano base t-1;

- g_{NXX} reflete a variação percentual da variável X observada a nível nacional (Microrregião), isto é, na Microrregião de Foz do Iguaçu, referente ao ano e indicador k (cada um dos indicadores básicos dos índices da região em estudo);
- g_{ik} reflete a variação percentual da variável X, observada na região i, no caso em cada cidade membro da Microrregião de Foz do Iguaçu, no indicador k.

Para facilitar a leitura dos resultados da metodologia *shift-share* descrita por Silva (2002), conforme sugestão de Oliveira (2010, p.122) “são usadas, e mantidas nos quadros de decomposição do crescimento em componentes de variação, a notação e interpretação inspiradas no trabalho de Haddad e Andrade (1989)”. O trabalho de Haddad e Andrade (1989) permite a identificação do crescimento do indicador selecionado através da VLT – Variação Líquida Total, que é o crescimento observado menos o teórico, ou seja, o crescimento que seria obtido caso as cidades mantivessem as mesmas taxas de crescimento do universo (microrregião).

O VLT é obtido da seguinte forma: $VLT = VLE + VLD$. Sendo que:

- a) VLE retrata a Variação Líquida Estrutural, no caso, é o mesmo que a componente estrutural (SX) descrita anteriormente;
- b) VLD reflete a Variação Líquida Diferencial ou componente diferencial, que aparece na equação (4) como componente regional (RX).

Após a aplicação da metodologia *shift-share* é possível classificar as cidades da Microrregião de Foz do Iguaçu em seis diferentes tipos, alocadas em quatro quadrantes conforme os resultados obtidos (QUADRO 1).

QUADRO 1 – GUIA PARA A INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS DISPOSTOS NOS GRÁFICOS DE DECOMPOSIÇÃO DO CRESCIMENTO POR ÍNDICE ESCOLHIDO E POR CIDADE DA MICRORREGIÃO DE FOZ DO IGUAÇU

Quadrante	Cidades	Eficiência Alocativa Municipal	Ativação Social	Componentes			Interpretação
				VLT	VLE	VLD	
I	A1	Presente	Presente	+	+	+	Cidades com maior capacidade de ativação social, cuja ação teve mais sucesso na transformação do impulso de crescimento em desenvolvimento, ou seja, na internalização dos efeitos do processo de crescimento. Nesse quadrante devem figurar os municípios com as maiores variações positivas dos indicadores básicos componentes de cada índice estudado, que denota maiores níveis de variação positiva da qualidade de vida, do desenvolvimento humano. Aqui, as cidades possuem eficiência alocativa (VLE>0) e capacidade de ativação social (VLD>0).
II	A3	Ausente	Presente	+	-	+	Cidades com capacidade de ativação social intermediária, cuja ação consegue trazer resultados individuais de cada indicador básico acima da média da microrregião, significando avanço na transformação do impulso de crescimento em desenvolvimento. Em resumo, a capacidade de ativação social (VLD>0) consegue suplantiar a ineficiência alocativa municipal (VLE<0) e ter um crescimento maior que a média da Microrregião de Foz do Iguaçu (VLT>0).
	B1	Ausente	Presente	-	-	+	Embora com crescimento total abaixo da média regional (VLT negativo), significando uma perda líquida em comparação com o universo da Microrregião de Foz do Iguaçu, as cidades com esses resultados também possuem capacidade de ativação social intermediária (boa), pois a VLD positiva mostra que o índice estudado teve um desempenho superior ao das demais cidades da região metropolitana, porém, não conseguem superar a ineficiência alocativa (VLE<0).
III	B3	Ausente	Ausente	-	-	-	Cidades com capacidade de ativação social fraca, que denota fragilidade na internalização dos efeitos gerados pelo processo de crescimento. Nessas cidades, a sociedade local teve menos sucesso na transformação do impulso de crescimento em desenvolvimento, pois detêm as piores variações dos indicadores básicos componentes de cada índice estudado na microrregião. Em síntese, são municípios com baixas taxas de crescimento e baixa participação no crescimento dos índices da microrregião analisada, cuja falta de ativação social é piorada pela ineficiência alocativa municipal.
IV	B2	Presente	Ausente	-	+	-	Cidades com desempenho regular, que tende a fragilidade, isto é, cidades cuja sociedade não consegue trazer resultados positivos para os indicadores básicos de qualidade de vida de forma satisfatória, o que ocorre graças à eficiência alocativa dos recursos administrados pela gestão pública (VLE>0). Aqui, a gestão pública municipal não consegue evitar perdas líquidas, mas consegue manter a cidade afastada da área de pior desempenho (B3).
	A2	Presente	Ausente	+	+	-	Embora com crescimento total acima da média regional (VLT>0), denotando ganho líquido, a VLD<0 mostra que o município tem pouca capacidade de ativação social, o que pode atrapalhar a ação do poder público municipal, que age de forma eficiente na alocação de recursos e consegue um desempenho positivo dos índices de desenvolvimento.

Fonte: Oliveira (2010, p.129), adaptado para Microrregião de Foz do Iguaçu

3. A MICRORREGIÃO DE FOZ DO IGUAÇU

De acordo com o IBGE (2010) e IPARDES (2011), a Microrregião de Foz do Iguaçu é composta por 11 (onze) municípios, cuja população soma 408,8 mil habitantes. As duas cidades de maior densidade são Foz do Iguaçu e Medianeira, que concentram quase 75% da população regional. Foz do Iguaçu é a cidade pólo da microrregião e tem como fator de atratividade vários pontos turísticos naturais (Cataratas do Iguaçu, Parque das Aves, dentro outros), a Usina Hidrelétrica de Itaipu e, principalmente, a proximidade com o comércio paraguaio de *Ciudad del Este*.

Seguindo a padronização do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), trata-se de uma microrregião de nível médio de desenvolvimento, com Índice de Desenvolvimento Humano – Municipal (IDH-M) oscilando entre 0,5 e 0,8. (OLIVEIRA, 2010)

Municípios	População (2010)	Área – km ²	Densidade – hab/km ²	IDH-M (2010)
Céu Azul	11032	1179,442	9,4	0,734
Foz do Iguaçu	256088	617,702	414,6	0,756
Itaipulândia	9026	331,289	27,2	0,745
Matelândia	16078	639,748	25,1	0,729
Medianeira	41817	328,733	127,2	0,766
Missal	10474	324,398	32,3	0,717
Ramilândia	4134	237,196	17,4	0,643
Santa Terezinha de Itaipu	20841	259,394	80,3	0,74
São Miguel do Iguaçu	25769	851,304	30,3	0,711
Serranópolis do Iguaçu	4568	483,659	9,4	0,766
Vera Cruz do Oeste	8973	327,091	27,4	0,705
MFI	408800	5579,956	73,3	0,728

Fontes: IBGE; IPARDES

3.1 Caracterização da Microrregião de Foz do Iguaçu

Conforme Muniz Filho (1996) e IBGE (1990), microrregiões geográficas são espaços derivados de territórios maiores denominados mesorregiões e estas dependem de um conceito

mais abrangente de identidade regional. As microrregiões são definidas, inicialmente, por um aporte tradicional nomeado pelo município mais antigo ou que represente maior articulação no espaço geográfico³⁶.

O mapa (1) abaixo traz a Microrregião de Foz do Iguaçu e evidencia sua posição na fronteira com o Paraguai e Argentina, que é fator auxiliar na compreensão do processo de desenvolvimento sócio-econômico regional. De acordo com PNUD (2003) e IBGE (2012), a MFI é constituída pelos municípios Céu Azul, Foz do Iguaçu, Itaipulândia, Matelândia, Medianeira, Missal, Ramilândia, Santa Terezinha do Itaipu, São Miguel do Iguaçu, Serranópolis do Iguaçu e Vera Cruz do Oeste, localizada dentro da mesorregião do oeste paranaense.

Mapa 01: Localização geográfica da Microrregião de Foz do Iguaçu

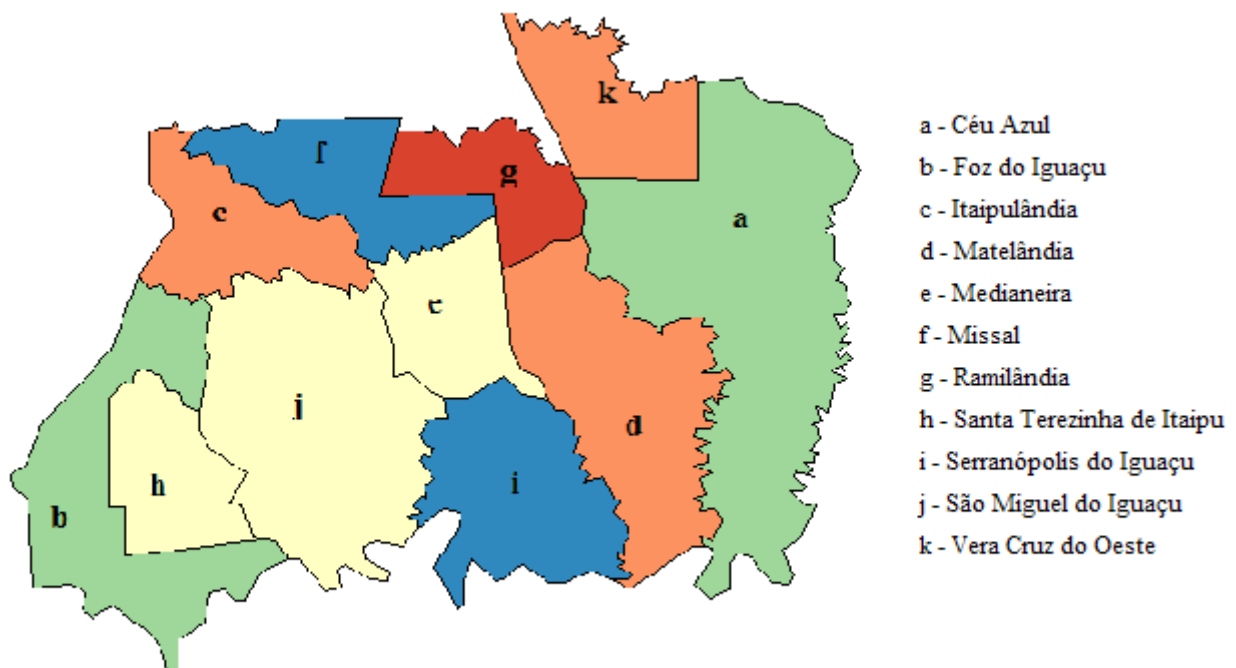


Fonte: IBGE, 2012.

36 “É importante destacar a emergência da microrregião de Foz do Iguaçu a partir dos anos de 1980, como concentradora de população urbana no contexto estadual. Todos os municípios que formam esta microrregião apresentaram evolução significativa do número de população urbana no período de 1970 a 2000”. (IBGE, 2005 *apud* ALVES, 2005)

Geograficamente, a MFI se localiza no extremo oeste paranaense abarcando uma área total de 5.588,2 km², altitude variável entre 164 (Foz do Iguaçu) e 620 metros (Céu Azul) e população de 399.487 habitantes para o fim do período analisado. O município que dá nome a microrregião está a 533 km da capital do estado, Curitiba, sendo dos 11 municípios o mais distante. A densidade demográfica da região é de 71,5 hab./km², porém existe uma grande disparidade analisando município a município. De acordo com Rolim (2004, p.4), Foz do Iguaçu possui “um dos mais elevados graus de urbanização do Brasil: 99,22%”. Enquanto isso, os municípios de Serranópolis do Iguaçu (40,68%), Ramilândia (45,35%) e Missal (47,66%) apresentam as menores concentrações populacionais. O mapa 2 auxilia na visualização da localização de cada município dentro da MFI. (PNUD, 2013; IBGE, 2012)

Mapa 02: Municípios da Microrregião de Foz do Iguaçu.



Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano (PNUD, 2013)

componente regional negativa se encontram os municípios de Matelândia, Medianeira, Itaipulândia e Missal, cidades tipo B2 (4º quadrante).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os indicadores de desenvolvimento para a região estudada apresentaram crescimento, assim como para cada município analisado individualmente, exceção ao coeficiente de Gini.

Os resultados da decomposição com uso do *shift-share* do IDS podem nortear as políticas públicas municipais, estaduais e federais na tentativa de melhorar o desenvolvimento social na Microrregião de Foz do Iguaçu.

O estudo demonstrou que a aplicação da metodologia é de essencial ajuda para a detecção de indicadores que desempenham melhor papel para o avanço do desenvolvimento social em cada município, comparando-o com a região, além de identificar em cada caso onde há problemas de eficiência alocativa, assim como ativação social cuja presença pode auxiliar na melhoria da qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

ALVES, L. R. **Urbanização e polarização das microrregiões paranaenses - 1970/2000**. 2005. Monografia (Bacharelado em Ciências Econômicas) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – *Campus* de Toledo. Toledo, 2005.

AZZONI, C. R. **Sobre a Necessidade da Política Regional**. In: KON, A. (Org.). *Unidade e Fragmentação: A Questão Regional no Brasil*. Unidade e Fragmentação: A Questão Regional no Brasil. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

HADDAD, P. R; ANDRADE, T. A. Método de análise estrutural-diferencial. In: HADDAD, P. R. (org.). **Economia Regional: teorias e métodos de análise**. Fortaleza: BNB/ETENE, 1989.

HERZOG, H. W; OLSEN, R. J. Shift-Share analysis revisited: the allocation effect and the stability of regional structure. **Journal of Regional Science**. 17 (3): 441-54, 1977.

IBGE. **Divisão do Brasil em Mesorregiões e Microrregiões Geográficas**. v. 1. Rio de Janeiro, 1990.

_____. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Página eletrônica: www.ibge.gov.br. Acesso em: 01 nov. 2012.

_____. **Banco de dados agregados – SIDRA**. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/>. 2005. Acesso em: 01 nov. 2012.

LIMA, J. F. **Dispersão e alocação do emprego nas atividades produtivas das microrregiões paranaenses**. Toledo: Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Agronegócios da UNIOESTE, 2007.

MUNIZ FILHO, C. Divisão regional do Paraná. **Rev. parana. desenvolv.**, Curitiba, n.87. jan/abr.; 1996.

OLIVEIRA, G. B. **O desenvolvimento na Região Metropolitana de Curitiba**. 312 p. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Econômico). Universidade Federal do Paraná. Curitiba: PPGDE/UFPR, 2010.

_____. Uma Discussão sobre o Conceito de Desenvolvimento. **Rev. FAE**, Curitiba, v.5, n.2, p.45-48, maio/ago. 2002

PIERUCCINI, M.A.; TSCHÁ, O. C; IWAKE, S. Criação dos Municípios e Processos Emancipatórios. In: PERIS, A. F. (org). **Estratégias de Desenvolvimento Regional: Região Oeste do Paraná**. Cascavel: Edunioeste, 2008.

PNUD. **Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento**. Página eletrônica < <http://www.pnud.org.br>>. Acesso em: 01 nov. 2012.

_____. **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2003)**. Software disponível em <http://www.pnud.org.br>. Acesso em: 01 nov. 2012.

PRATES RODRIGUES, M. C. **O índice do desenvolvimento social**. Revista Conjuntura Econômica. São Paulo: Editora da FGV, julho, 1991, pp.-73-77.

RAIHER, A. P. **A evolução do capital humano e sua importância no crescimento econômico das microrregiões paranaenses no período de 1999 a 2006**. 141 p. Tese (Doutorado em Economia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-graduação em Economia, Porto Alegre, 2009.

ROLIM, C. F. C. Como analisar as Regiões Transfronteiriças?: esboço de um enquadramento teórico-metodológico a partir do caso de Foz do Iguaçu. In: **III Encontro Paranaense de Economia**, 2004, Londrina. Anais do III Encontro Paranaense de Economia, 2004.

SANDRONI, P.. **Novíssimo Dicionário de Economia**. São Paulo, Círculo do Livro; Best Seller, 1999.

SILVA, J. C. A análise de componentes de variação (*shift-share*). *In*: COSTA, J. S. (org). **Compendio de economia regional**. Coimbra/Portugal: APDR, 2002.

SIMÕES, R. F. . **Métodos de análise regional e urbana: diagnóstico aplicado ao planejamento**. Belo Horizonte: Cedeplar/UFMG, 2005.

Recebido em 29/07/2015
Aprovado em 10/10/2015